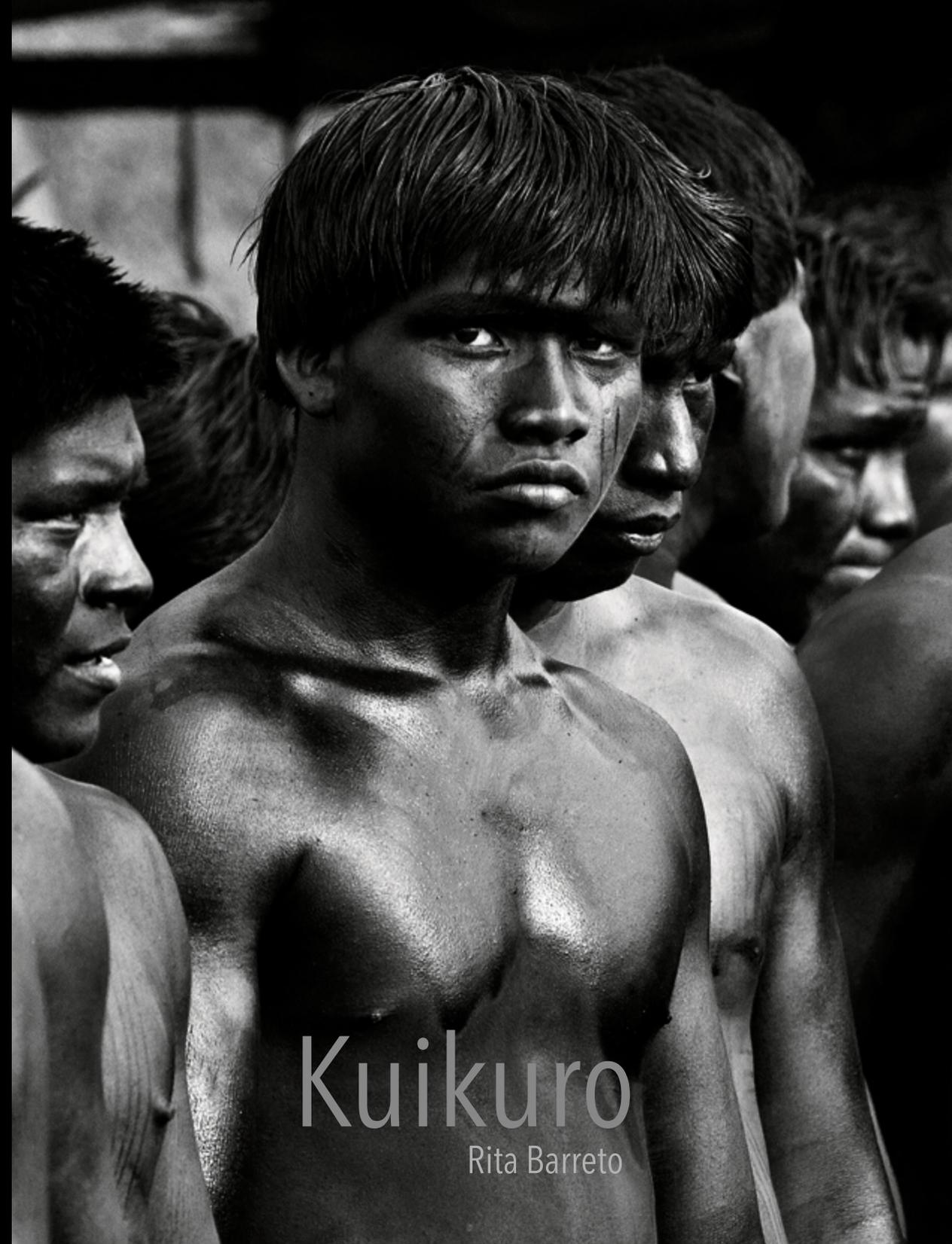


Rita Barreto

Kuikuro



Kuikuro  
Rita Barreto



ISBN 978 85 64444 26 5













Rita Barreto

Texto: Xavier Bartaburu

# Kuikuro



## Sensibilidade e respeito

Sim, estamos falando de fotografia. Da fotografia de Rita Barreto. Este ensaio não é sobre os índios Kuikuro. Foi feito com os índios Kuikuro, fruto de uma singela relação que Rita construiu ao longo dos últimos 15 anos. E isso faz toda a diferença. E só adiciona beleza e harmonia à qualidade técnica da fotógrafa. O momento de lançamento deste livro é muito oportuno. Tempo de reafirmar o nosso respeito ao outro, especialmente ao diferente, certos de que temos sempre a aprender com outras culturas, outros pensamentos, outras visões de mundo. As imagens reunidas aqui neste livro nos inspiram, nos ensinam, nos iluminam.

**Evandro Teixeira**  
Fotógrafo documentarista





Kuikuro



**K**uikuro, antes de ser um povo, foi um lugar: Kuhikugu, "igarapé dos peixes kuhi", aldeia erguida a oeste do rio Culuene, à beira de uma lagoa, um século e meio atrás. O primeiro branco a ouvir falar dela foi o etnógrafo Karl von den Steinen, em sua passagem pelo Alto Xingu no final do século 19. Não a conheceu, mas soube por meio de aldeias vizinhas que era o primeiro núcleo de um novo grupo local. Chamavam-nos "os de Kuhikugu", nome que o alemão tentou em vão registrar, e que relatos posteriores terminaram por deformar, até convertê-lo na maneira com que seus descendentes são conhecidos até hoje pelos brancos: Kuikuro. Kuhikugu não existe mais, mas persiste na memória como marco zero, lugar primordial onde os Kuikuro passaram a existir como nação.

Os Kuikuro são um dos quatro povos karib que habitam as cabeceiras do rio Xingu, parte de uma ilha linguística distante milhares de quilômetros de seu lugar de origem, o planalto das Guianas, no norte da Amazônia. Como chegaram ali, não se sabe, mas é certo que vieram do leste na primeira metade do século 18, ocupando áreas onde antes viviam as nações aruak, como os Waurá, os Yawalapiti e os Mehinako. A região é antiga: sabe-se de gente ali estabelecida desde o século 9, quando começou a surgir o modelo de aldeia circular que até hoje define o Alto Xingu. No auge, por volta de 500 anos atrás, essas aldeias foram verdadeiras cidades – as maiores da planície amazônica antes da vinda dos europeus, com mais de 2 mil moradores. Por razões que se desconhece, esvaziaram-se antes mesmo da chegada dos karib, que terminaram se apossando da área – o território dos Kuikuro, inclusive, está repleto de sítios arqueológicos.

Ali, a oeste do Culuene, os karib fundaram três aldeias: uma deu origem aos Kalapalo; outra, aos Nafukuá; e a terceira era Óti, da qual um grupo se separou para criar Kuhikugu.

Esta, já sabemos, deu origem aos Kuikuro; os que ficaram em Óti são os atuais Matipu. Quatro povos distintos, mas que compartilham um passado comum – não apenas entre si como também com as nações aruak, antigos ocupantes destas terras, e com os grupos tupi que chegaram depois (Kamayurá e Aweti), todos convergindo para a grande sociedade pluriétnica que hoje habita a porção sul do Parque Indígena do Xingu.

Séculos de estreita convivência resultaram numa cultura admiravelmente homogênea, em que os povos, apesar de falarem línguas distintas, vivem e se alimentam de maneira igual, partilham de uma visão de mundo similar e realizam os mesmos rituais – como a cerimônia fúnebre do Quarup. Casam-se também entre si, evitam agressões mútuas e mantêm uma ativa rede de intercâmbio comercial através da prática do moitará, que é a troca dos mais diversos artefatos, incluindo aqueles que cada povo se especializou em produzir. Enquanto os Waurá se notabilizaram pela cerâmica, os Kamaiurá pelos arcos de madeira e os Mehinako pelo sal de aguapé, os Kuikuro se aperfeiçoaram na arte de confeccionar colares e cintos de caramujo. Esses discos de concha minuciosamente esculpidos e trançados em linhas de algodão são uma das mais valiosas moedas de troca no Alto Xingu. E uma forma de manter intacta a identidade étnica dos Kuikuro.

Os Kuikuro estão entre as etnias mais numerosas do Parque Indígena de Xingu: cerca de 600 pessoas, distribuídas em seis aldeias na área do rio Culuene e seus afluentes. Cada aldeia define o grupo que lá vive e a forma como se autodenominam: Kuikuro é nome de branco; entre eles, há os Ipatse otomo, os Afukuri otomo, os Lahatuá otomo e assim por diante. Ou seja, os "donos" das aldeias de Ipatse, Afukuri e Lahatuá, tal como um dia existiram os "donos" de Kuhikugu.

Tudo no mundo dos Kuikuro tem dono. Não no sentido de propriedade, mas da relação de cuidado e domínio que se estabelece com o mundo material. Toda casa tem um oto, um "dono", que é o homem que a construiu e que a mantém. Os donos (otomo, plural de oto) da roça de mandioca ou do pequizal são aqueles que tomam conta da área, incluindo a preparação do terreno, o plantio e a colheita. O dono da Unidade Básica de Saúde é aquele que guarda as chaves da caixa de remédios. O dono da festa, aquele que a organiza. E Kehegé oto é o "dono das rezas", que domina as técnicas de cura para diversos tipos de doença.

Existem também os donos invisíveis, espíritos chamados de itseke, que zelam por cada fragmento da paisagem e cada ser vivo que nela habita. A Hiperonça, por exemplo, é a "dona" dos caramujos com os quais se fazem os colares. A Hipercoobra, da taboca usada para confeccionar as flautas do Quarup. O Hiper-gavião é o "dono" dos pássaros, enquanto o Hiper-beija-flor responde pelos pequizeiros. O superlativo "hiper" (kuëgü) é porque, para os Kuikuro, cada um desses espíritos é uma variação monstruosa de seu equivalente animal, e portanto altamente perigosa para os humanos, causadora de doença e morte no caso de seus domínios não serem respeitados. Para isso existem os cantos, as rezas e as oferendas, que se fazem obrigatórias sempre que seja preciso utilizar um espaço ou um recurso que esteja sob a proteção de um itseke.

Se uma pessoa adoecer durante a safra do pequi, é bem possível que tenha sido por ação do Hiper-beija-flor (Tukuti kuëgü). Nesse caso, será necessário realizar um ritual para acalmar o espírito e curar o enfermo. É o Hugagü, festa que reencena o mito de origem do pequi – nascido do umbigo do Hiperjacaré – como forma de invocar a cura e pedir a proteção da aldeia contra as tempestades que começam a chegar

junto com a safra, em outubro, início da época das cheias.

Nesse sentido, cada aldeia Kuikuro é uma ilha de soberania humana cercada pelos domínios dos itseke. Todos os caminhos partem dela, sempre retos e na direção dos pontos cardeais, conectando-a às roças, aos pequizais, às áreas de pesca, aos locais de banho e às outras aldeias do Alto Xingu – variáveis no tamanho, mas idênticas na forma. O modelo de aldeia circular é aruak, mas tornou-se a norma também entre os karib e os tupi que vivem na região: sempre um grupo de malocas de base oval dispostas em torno de uma grande praça central, que serve como espaço comum para reuniões e rituais.

Como todas as casas do Alto Xingu, as dos Kuikuro são cobertas de sapé e abrigam vários núcleos de famílias relacionadas entre si – quando um homem se casa, é costume que vá morar na maloca do sogro, para quem trabalha em troca da mão de sua filha. Quando o casal começa a ter filhos, pode tanto ir morar na casa de origem do marido quanto edificar a própria maloca (com a ajuda braçal de seus parentes). Nesse caso, o homem responsável por sua construção será o "dono" da casa, encarregado de coordenar as tarefas cotidianas de todos aqueles que vierem a viver ali e, também, de servir de intermediário entre os moradores e o "dono" da aldeia, ou seja, o chefe.

Em torno da aldeia, perto das casas, ficam as roças. O rio está mais distante, para evitar ataques de animais, mas frequentado inúmeras vezes ao dia tanto para banho quanto para pesca. Os Kuikuro não são afeitos à caça, salvo em caso de necessidade – quando o consumo de peixe é interdito por alguma razão, comem jacus, mutuns e tracajás. Bichos de pêlo, nunca, a não ser para alimentar mulheres grávidas, que trocam o peixe pelo macaco. Fora isso, toda a proteína animal vem da água: os Kuikuro conhecem cerca de cem espécies de peixe

comestíveis, que capturam por meio das mais diversas técnicas – entre elas a prática ancestral de envenenar a água com timbó, cipó que deixa os peixes atordoados e mais fáceis de serem pescados.

O peixe quase sempre é consumido com beiju. Embora os Kuikuro também plantem milho e batata-doce, é a mandioca a base da sua alimentação: séculos de experiência fizeram com que dominassem o cultivo de cerca de 40 variedades, ainda que apenas meia dúzia seja consumida no dia a dia. A roça de mandioca é a tuhinhaho, sempre plantada em área de terra vermelha, menos fértil e mais abundante na região. As áreas de terra preta (egepe), manchas de solo fértil no meio da floresta, são reservadas às demais plantas. Tanto uma lavoura quanto a outra são de responsabilidade dos homens no que diz respeito a derrubar a mata e preparar o cultivo. Já a colheita é feita pelas mulheres, que também se ocupam de processar os ingredientes e transformá-los em algo comestível, seja beiju, polvilho ou mingau.

As roças de mandioca são também onde frutificam os pequis: ao fim de três ou quatro anos de uso, quando o mandioccal se torna improdutivo, os Kuikuro plantam os pequizeiros em seu lugar. Como já são centenas de anos de domesticação do pequi, a qualidade e a variedade encontradas no Alto Xingu não têm paralelo com nenhuma outra região do Brasil. Os pequis dos Kuikuro são grandes, de polpa mais carnuda, geralmente sem espinhos, mais ricos em óleo e de várias cores: há frutos amarelos, brancos, roxos e vermelhos. O óleo é usado para amaciar os cabelos e para proteger a pele dos raios de sol. A polpa, para preparar o imbene, um mingau de pequi misturado com polvilho de mandioca, usado tanto para alimentar a aldeia durante a safra quanto para apaziguar os espíritos – é o caso do ritual do Hagagü, de longe a mais importante

festa agrícola entre os Kuikuro; mais até que a da mandioca.

Mas é no Quarup que o pequi manifesta todo seu potencial simbólico: o fruto delimita o fim do ciclo de luto que deu origem à festa, preparada ao longo de meses para prestar tributo à morte de algum membro de prestígio na aldeia. No Quarup, a relevância é dada às castanhas, que atravessam o ano defumando sobre um jirau até estarem prontas para o ritual, quando são por fim torradas e oferecidas aos chefes de aldeias convidadas. Esse é o momento final da festa, logo após a luta de huka-huka (travada entre membros da aldeia anfitriã e os convidados), quando uma moça que estava em reclusão sai da maloca para apresentar as castanhas aos chefes. A alegoria revela que a moça está pronta para procriar, marcando o encerramento do período de luto e o recomeço da vida em sua plenitude: oferecendo simbolicamente sua virgem aos outros povos, os Kuikuro reafirmam o desejo de preservar a paz no Alto Xingu.

---

FRANCHETTO, B. (Org.) *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*. Rio de Janeiro, Museu do Índio/FUNAI, 2011.

GUERREIRO, Antonio. 2016. "Do que é Feita uma Sociedade Regional? Lugares, Donos e Nomes no Alto Xingu." *Ilha* 18(2): 23-55.

GUERREIRO, Antonio. *Quarup: transformações do ritual e da política no Alto Xingu*. Mana [online]. 2015, vol.21, n.2

HECKENBERGER, M. J. et al. *Amazonia 1492: pristine forest or cultural parkland?* Science 301, New York 1710-4, 2003.

HECKENBERGER, M. *Estrutura, história e transformação: a cultura xingua na longue durée, 1000-2000 D.C.* In: FRANCHETTO, B. & HECKENBERGER, M. (Orgs.) *Os povos do Alto Xingu: história e cultura*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2001a.

SMITH, Maira. *Árvores de cultura: cultivo e uso do pequi (Caryocar sp., Caryocaraceae) entre os Kuikuro do Alto Xingu, MT*. 2013. Tese de doutorado, Universidade de Brasília.

SMITH, Maira; FAUSTO, Carlos. *Socialidade e diversidade de pequis (Caryocar brasiliense, Caryocaraceae) entre os Kuikuro do alto rio Xingu (Brasil)*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 11, n. 1, p. 87-113, jan.-abr. 2016.

WEIS, Bruno, et al. *Almanaque socioambiental parque indígena do Xingu: 50 anos*. São Paulo, Instituto Socioambiental, 2011.

\_\_\_\_\_. *Os itseke e o fora-de-campo no cinema Kuikuro*. Devires, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 98-121, jul/dez 2014.

























































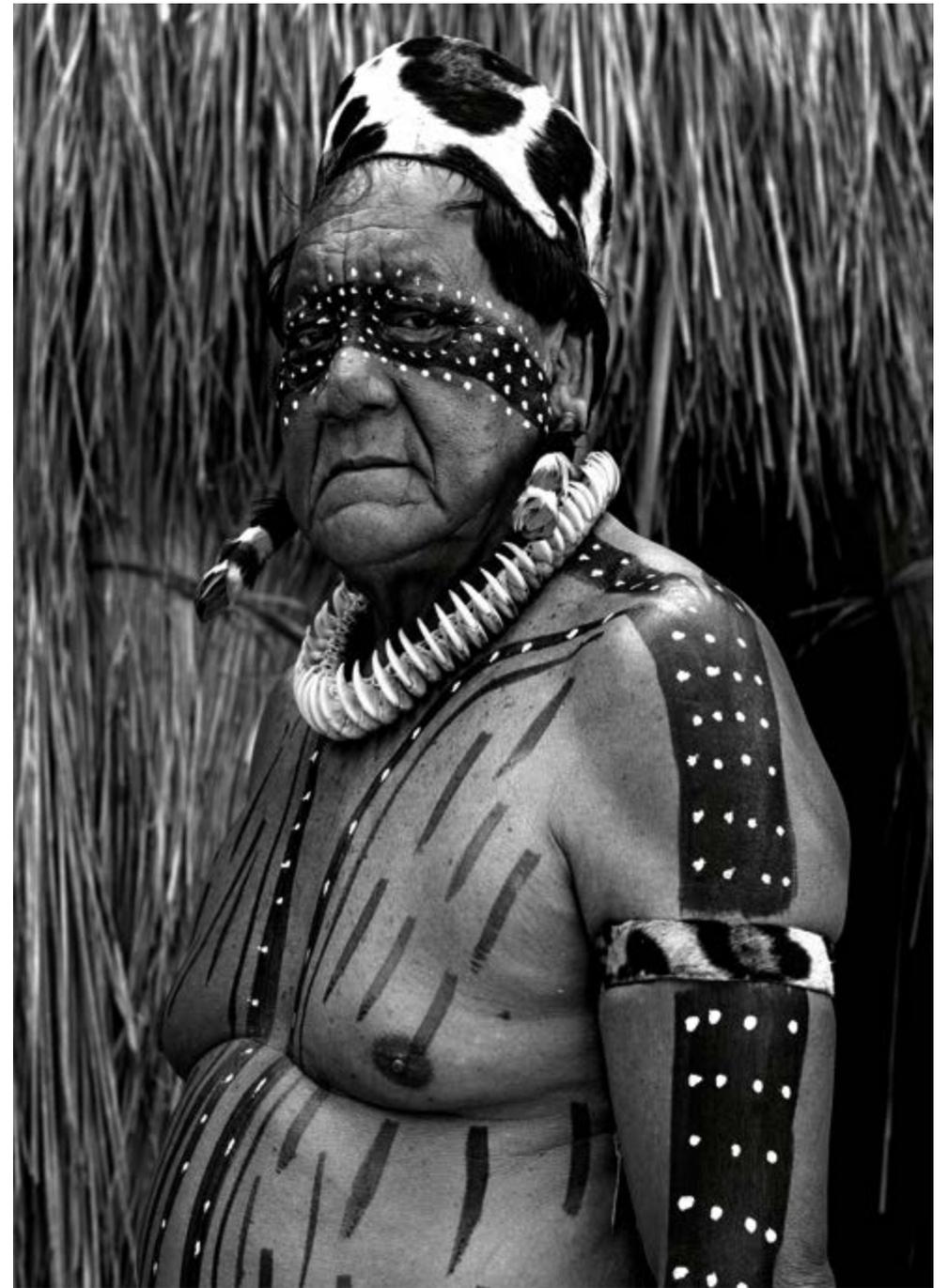






















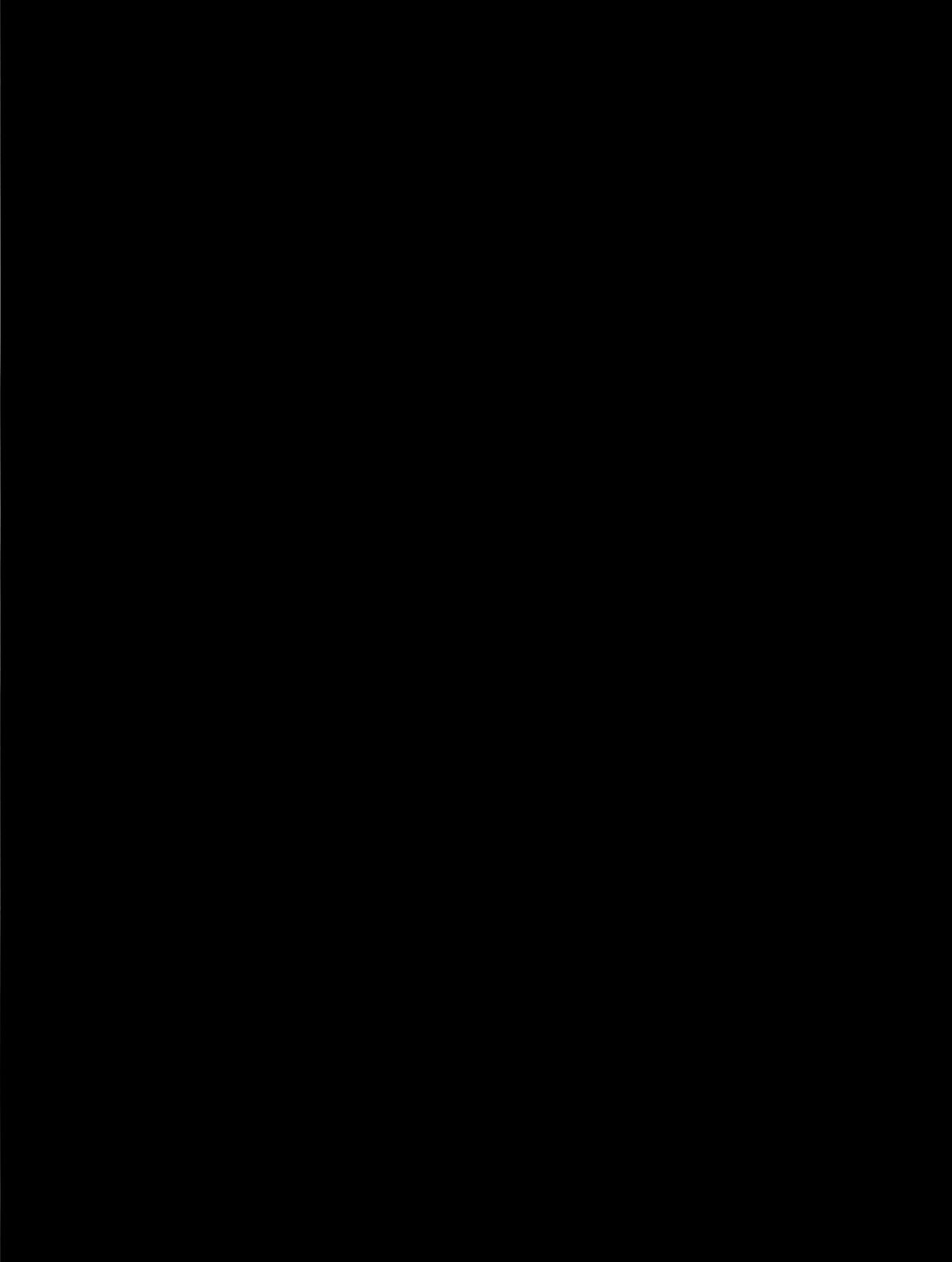














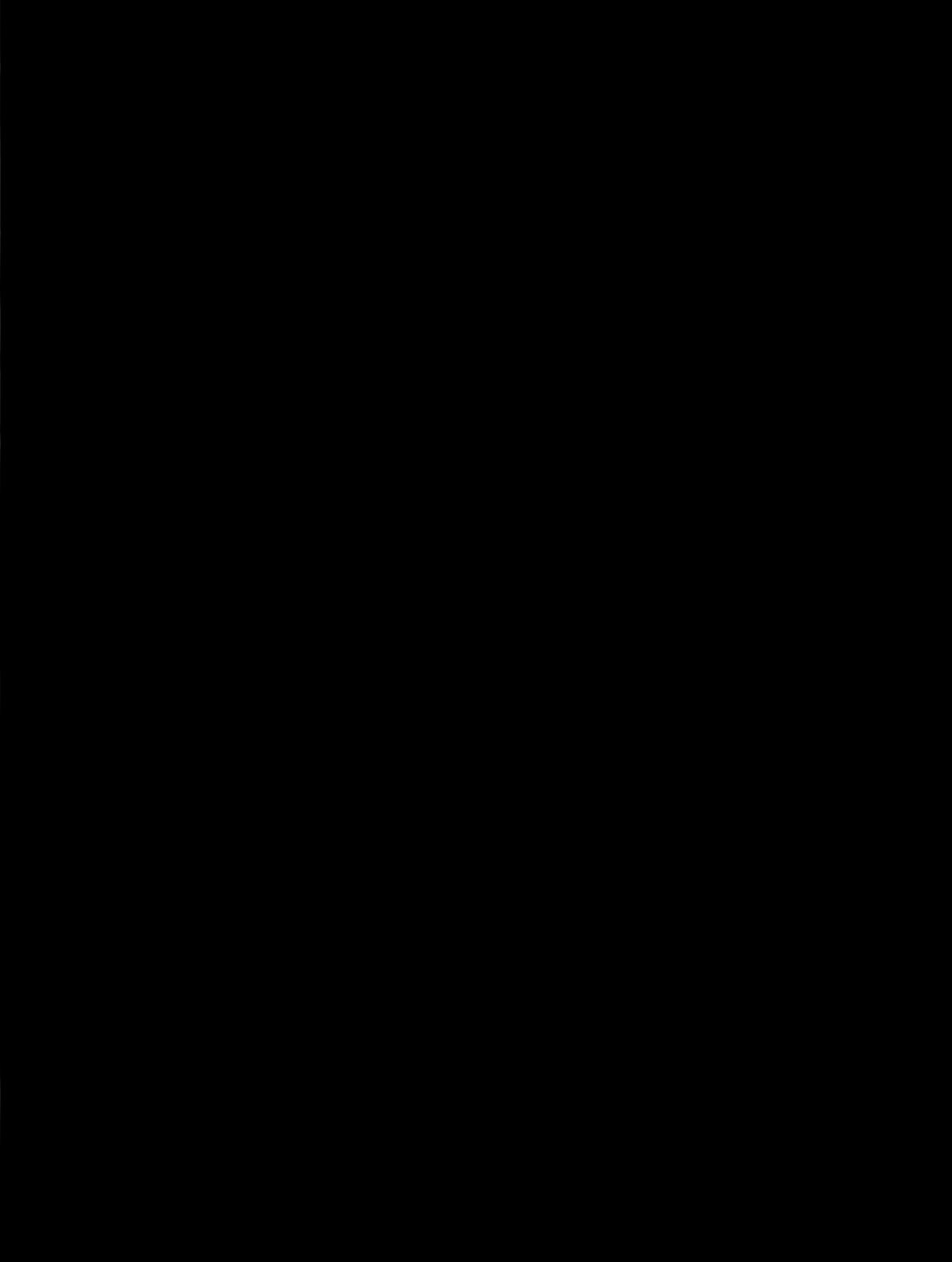














Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barreto, Rita  
Kuikuro / Rita Barreto ; [texto Xavier Bartaburu ; editor Valdemir Cunha]. -- São Paulo : Editora Origem, 2019.

Bibliografia.  
ISBN 978-85-64444-25-6

1. Índios - América do Sul - Brasil 2. Índios Kuikuru - Cultura 3. Índios Kuikuru - Fotografias 4. Índios Kuikuru - Ritos e cerimônias 5. Xingu (Rio) 6. Índios Kuikuru - Usos e costumes 7. Parque Indígena Xingu (MT) 8. Povos indígenas - Alto Xingu  
I. Bartaburu, Xavier. II. Cunha, Valdemir. III. Título.

19-23357

CDD-778.999803

Índices para catálogo sistemático:

1. Índios Kuikuru : Fotografias 778.999803

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

FONTE Avenir Next Condensed  
MIOLO Garda Kiara 150 g/m<sup>2</sup>  
CAPA Garda Kiara 150 g/m<sup>2</sup>  
TIRAGEM 325 exemplares

  
kickante

## Rita Barreto

A fotógrafa paulista, de Ribeirão Preto, vem desenvolvendo trabalho documental com a etnia Kuikuro, do Alto Xingu, MT, desde 2004. Ao longo dos últimos 15 anos, Rita fotografou os Kuikuro no Parque Nacional do Xingu e no projeto de Intercâmbio Cultural com os Índios do Xingu, que acontece todo mês de abril na Toca da Raposa, em Juquitiba, SP. Sua relação com os Kuikuro lhe rendeu 17 exposições – três individuais e 14 coletivas – e o Prêmio Leica de Fotografia, na categoria foto colorida. Nesses 15 anos com os Kuikuro fotografou três gerações e estabeleceu uma relação de amizade, respeito, carinho e admiração com a etnia. Esse trabalho resultou em seu primeiro livro, *Kuikuro*, produzido pela Editora Origem a partir de financiamento coletivo. Com 16 anos de carreira, a fotógrafa também se especializou em imagens que ilustram livros didáticos, publicando com principais editoras de didáticos do país.



## Agradecimentos

*Em especial para Regina Fonseca, responsável pelo projeto Intercâmbio Cultural com os Parque Nacional do Xingu, situado ao norte do Mato Grosso possibilitou a realização desse*

Abdo Abdala Ademir Adão Lodetti Adriana Garzon Aglair Iara Tito Fraga Akemi Terasé Nagamine Alexandra Ramos Alexandre Augusto Alfredo Gonzales Alice Okawara Aline Izabel Costa Carvalho Almir Almeida Amanda Samways Ana Claudia Renoldi Lopes Ana Flora Read Ana Lúcia Pereira Senna Ana Lúcia Simões Corrêa Ana Luisa Correa Rodrigues Ana Luiza de Souza Costa Ana Maria Muller Ana Paula Motta Mello Ana Taemi Utiyama Andre Moreira Andrea Domingues Andrea Goldschmidt Andréa Lúcia Alexandre Angelo Arantes Antônio Brito Antônio Carlos Lima Aparecida Silva Aracy Guimarães dos Santos Arlete Farias Aurelio Peluso Barbara Lyrio do Valle Beatriz Audi Berenice Abud Billie Peppe Bruno Constantino Leonardi Carlos Augusto Asanuma Carlos Gandara Cassia Maria Nocchi Vieira Cássio Navilli Christiane Araujo Christophe Ngo Van Duc Cícélia Almeida Cinthia Paranhos Martins Cladis Inês Kafer Alves Claire Jean Clarinda Naimi Claudia Giudice Claudio Feijó Clesia Maria Marques de Oliveira

## SONHO QUE SE SONHA

Cristiane Oshima Cristina Akisino Cristina Lopes Guimarães Cristina Lopes Schiavoni Dalva Couto Daniela Schneider Diego Moraes Edna Costa Edson Maiero Lins Eduardo Martins de Mello Edval Pedro Eleno Alberto Elga Moraes Eliana Silva Emi Takahashi Eunice Vasques Eva Reiter Evandro Teixeira Evaro Tadeu Toledo Fabio Gonçalves Fernando Barreto Fernando Luiz Lima de Barros Fernando Nobre Flávio Conceição Flávio de Carvalho Flávio Queiroz Moreira Francisco de Assis Andrade Gabriel Ricardo Camargo Gabriela Barreto Georgina Helena Secaf Massita Geraldo Magela da Silva Gianpaolo Degli Uomini Gisela Italia Andreoni Gisele Martins Gisele Porcaro de Oliveira Guilherme M Campos Hellen Müller Heloisa Lodder Heloisa Tannuri Heneide Sgarbi de Lolo Ieda Maria Silva de Lima Ilma Barrilari Iron Mantovanello Oliveira Isuzu Goto Jaime Trindade de Oliveira Jan Van Bodegraven João Leite João Marcos Rosa Jorge Kiyoshi Ishikawa Jorge Vieira José Antônio Costardi dos Santos José Maria Fernandes José

*Índios do Xingu, que, além de me apresentar aos Kuikuro e viabilizar minhas idas ao trabalho de documentação nos últimos 15 anos.*

Senna Júlia Lorenza de Brito Juliana de Moraes Davi Júlio Nakano Kátia Correa Lazera Laura Furnari Laurecir Gomes Lauro Andrade Lea Rocchi Sales Leandra Maria Bellincanta Lecia Lasmar Portugal Vilela Leila Ramos Leila Soares Leni de Mattos Leo Flores Leonardo Burgos Leonir Sari Piccioto Levi Bianco Lidiane Brito de Medeiros Ligia Maria da Mata Vieira Lilian M Shimoda Liliane Callegari da Silva Livia Rebehy Queiroz Lucille Kanzawa Lucius Provase Luis Fernando Barp Luis Vilani Luisa Teradaira Maira Acayaba Manoel Alberto da Costa Reis Marcelo Bargiela Marcelo Lessa Márcia Bertoncello Márcia Marchetto Márcio Martins Soares Marco Antonio Abud Marcos Franchetti Maria Adelaide Silva Maria Amália Martin Maria de Lourdes Peres S. Carvalho Maria Erivanete Silva Maria Izabel Chiamolera Maria Josenilda Gonçalves da Silva Maria Luisa Froeder Maria Madalena Rosa Maria T. M. Chamma Maria

## JUNTO É REALIDADE

Prelúdio, Raul Seixas

Tereza Malleu Puigvert Mariana Almada Viana Marilise Cesa Marilton Trabuco Mario Matias Marta Aila B Maciel Mauricio Luis Berndt Miriam de Souza Keller Míriam Ramalho Mirjam Göring Monica Freire Martins de Lima Monica Theiser Murilo Delfim de Góes Nair Massami Tuyma Osterno Antonio de Souza Ourivaldo Barbosa Valle Pablo Doctorovich Pamela Martins dos Santos Pessette Paulo Rapoport Pollianna Thome Raimundo N Macedo Regiane Borges Garcia Esteves Regina Fonseca Regina Lúcia Tinoco Lopes Regina Maria Franco Cardozo Renata Lucia dos Santos Renate Hartfiel Rennan Verona Reis Resumo Fotográfico Ricardo Cavalcanti Ricardo Diniz Ricardo Martins Ricardo Santoro Ricardo Teles Roberta Ponde Rodolfo Penteado Rodrigo C. Lodi Ronaldo Winter Caracas Rosely Marcal Rubens Carvalho Sidney Oliveira Sônia Caroprezo Thelma Gatuzzo Thierry Rios Tom Alves Vanusa Maria D. Feliciano Virginia Limberger Viviane Aranha Waltércio Torres Correia Zenira Suzuki Zoraide Vasconcellos

Editor Valdemir Cunha

Fotos Rita Barreto

Texto Xavier Bartaburu

Editora Executiva Lígia Fernandes

Edição de imagens Valdemir Cunha

Direção de Arte Valdemir Cunha

Tratamento de Imagem Ipsis Gráfica

Impressão Ipsis Gráfica

Loja virtual [editoraorigem.com.br](http://editoraorigem.com.br)



Copyright, 2019  
Fotografias: Rita Barreto

Os direitos desta edição pertencem à Editora Origem  
Av. Raimundo Pereira de Magalhães, 1720 - bl. 22, cj. 32  
CEP 05145-000 São Paulo-SP Brasil  
Telefone: 55 11 3645-0301  
[www.editoraorigem.com.br](http://www.editoraorigem.com.br)